

PESQUISAS SOBRE TEORIA DA MENTE, EMOÇÃO E LINGUAGEM: UMA BREVE ANÁLISE¹

Thuany Teixeira de Figueiredo²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar estudos que investigam a relação entre linguagem, cognição, emoção e Teoria da Mente (ToM). Através da realização de um levantamento bibliográfico, selecionamos pesquisas que tratam da relação entre a) linguagem e cognição, b) linguagem e emoção, e c) Teoria da Mente e emoção, seja no cenário brasileiro ou internacional. A escolha dos trabalhos selecionados se deu com o intuito de destacar diferentes abordagens metodológicas e questões teóricas relevantes para as pesquisas que investigam esses temas. Linguagem e cognição são objetos de pesquisa frequentemente relacionados teoricamente. Tendo isso em vista, adotamos uma abordagem de linguagem/língua enquanto fenômeno cognitivo. Por sua vez, linguagem e emoção interagem e constituem um importante quadro de investigação que oferece instigantes possibilidades de estudo acerca da cognição humana. São analisadas também pesquisas que se enquadram na agenda de pesquisa de investigações acerca das interfaces entre ToM e emoção. Em resumo, com os resultados apresentados é possível indicar que linguagem, ToM e emoção podem compor uma agenda de pesquisa própria. É importante que mais esforços sejam direcionados para a realização de pesquisas nesse sentido, incluindo mais estudos com o português brasileiro.

Palavras-chave: linguagem, Teoria da Mente, emoção, cognição social.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho realiza um levantamento de pesquisas que abordam emoção, linguagem e Teoria da Mente (ToM, do inglês *Theory of Mind*). As emoções são objetos de pesquisa desafiadores. Este desafio torna-se verdadeiramente interessante tanto devido à tarefa histórica de busca pela definição teórica do que seria o que chamamos de emoção quanto aos desdobramentos e recortes possíveis decorrentes do enquadramento escolhido. Independente da perspectiva com a qual se trabalhe, as emoções são um tópico importante de investigação para as chamadas ciências cognitivas, incluindo a Linguística, de modo que pesquisar sobre emoções é bastante relevante para as pesquisas sobre cognição. As emoções também são objeto de investigação dos trabalhos sobre Teoria da Mente, a habilidade cognitiva que os seres humanos possuem de atribuir de estados mentais a si mesmos e a outros indivíduos.

¹ Trabalho realizado com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

² Doutoranda da pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, teixeira.thu@gmail.com.

Em estudo pioneiro de referência do quadro teórico das pesquisas de ToM, Premack e Woodruff (1978) elencam alguns dos principais estados mentais, isto é, conteúdos da vida mental e subjetiva que os indivíduos possuem, que podem ser imputados a outros indivíduos de sua própria espécie ou de outra. Sendo a Teoria da Mente essa habilidade de atribuição de estados mentais a si próprio e a outros, estados como intenção/propósito, conhecimento, crença, dúvida, suposição, fingimento e gosto/preferência, por exemplo, são apontados como estados passíveis de serem atribuídos dentro do que se convencionou chamar de ToM. Porém, neste trabalho também se tem a indicação de que o sentir e a emoção também se configuram como conteúdos pertencentes à vida mental, podendo ser compreendidos, de alguma forma, como um estado mental.

Neste sentido, tema bastante relacionado às discussões sobre emoção que também é abordado brevemente pelos autores diz respeito à empatia. Aponta-se que há diferenças e semelhanças entre Teoria da Mente e empatia. Dada a definição de ToM como a habilidade de atribuir estados mentais a si próprio e aos outros, e abordando a empatia como a capacidade de se colocar no lugar do outro, em termos bastante gerais, é importante destacar algumas características de ambas de modo a elucidar como elas têm sido conceituadas. A Teoria da Mente é caracterizada como sendo a habilidade de imputar estados mentais que compreende um entendimento da vida mental de uma forma mais ampla e, que por isso, tem como um dos desdobramentos a capacidade de predição de comportamentos a partir de inferências. Por outro lado, a empatia diria respeito a uma capacidade de predição de comportamentos estritamente quando há uma identificação subjetiva de um indivíduo com outro.

Essas características mostram que empatia e ToM não dizem respeito a dinâmicas de atribuição extremamente diferentes, porém, o alcance de cada uma parece as distinguir de modo significativo. Os conteúdos e os estados mentais possuiriam diferentes características que os distinguem cognitivamente. Por exemplo, a atribuição do estado mental de intenção/propósito, considerada como aparentemente mais primitiva (PREMACK e WOODRUFF, 1978: p.521), seria uma atribuição de um estado chamado de motivacional e a atribuição dos outros estados mentais também abarcados pela Teoria da Mente, tais como conhecimento e crença, seria uma atribuição de estados chamados de cognitivos ou epistêmicos. Outros estados motivacionais, por exemplo, seriam desejos e atitudes afetivas, e outros estados cognitivos ou epistêmicos seriam dúvida e suposição.

Em relação ao desenvolvimento de experimentos e metodologias para investigar a atribuição de estados mentais, Astington (2001) aponta que as tarefas e metodologias para

tratar de estados epistêmicos já estão bastante desenvolvidas, enquanto que o aparato metodológico para os estados motivacionais ainda não está tão bem consolidado. Com isto, o cenário é de ampla realização de experimentos e pesquisas para estados como crença falsa e conhecimento, principalmente para o nível de ToM de primeira ordem. Contudo, todos os estados mentais são importantes para a devida descrição e conhecimento dessa habilidade cognitiva. A autora assinala que a crença falsa pode representar um marco no desenvolvimento da ToM e da vida mental, porém, a cognição social é complexa em termos de habilidades e conteúdos. Ademais, é possível que outros estados mentais também tenham alguma relação significativa com a linguagem, como se tem procurado relacionar em algumas propostas (DE VILLIERS, 2007).

Em Figueiredo (2018), investigamos a atribuição de estados mentais de segunda ordem no português brasileiro (PB). A noção de interação entre mentes é central no desenvolvimento deste trabalho. Essa noção é descrita por Perner e Wimmer (1985) como um aspecto que baseia, fundamentalmente, o tipo de interação social que ocorre na ToM do nível de segunda ordem. Destacamos esta noção como fundamental para os estudos de estados mentais de segunda ordem porque ela ressalta uma característica importante que a Teoria da Mente também assume, qual seja, o seu caráter interacional. Neste sentido, tem sido questionado se todos os estados mentais, sobretudo os chamados motivacionais, possuem uma atribuição passível de operar no nível do raciocínio de segunda ordem (MILLER, 2009), nível em que o raciocínio se dá de modo que um indivíduo consegue colocar o estado mental de outro indivíduo em perspectiva e refletir sobre isso. As emoções, se compreendidas também enquanto estados mentais, são apontadas como uma fronteira de pesquisa que necessita de mais investigações no sentido de se compreender melhor as suas características de atribuição e se elas também estabelecem alguma interface com outros componentes da cognição, como a linguagem.

Com isso, constatamos a necessidade do desenvolvimento de mais trabalhos que envolvam emoções, linguagem, Teoria da Mente e cognição social. É preciso que se busque respostas para perguntas como: como o conhecimento sobre linguagem pode dialogar com as pesquisas sobre cognição social? Há algum papel desempenhado pela linguagem para a compreensão e atribuição de emoções? As diferenças entre os níveis de Teoria da Mente são significativas para o estabelecimento de uma relação com a linguagem? Como itens lexicais como verbos podem codificar estados mentais? Os verbos relacionados à codificação de diferentes estados mentais são processados diferentemente? Como é possível interpretar as

respostas para essas perguntas em termos evolutivos? Há muitas tarefas intelectuais a serem contempladas sobre esses tópicos que abarcam estas e outras questões importantes.

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar estudos que investigam a relação entre linguagem, cognição, emoção e Teoria da Mente. Para desenvolver a análise aqui proposta, a comunicação foi estruturada do seguinte modo: a seguir, em metodologia, descrevemos como realizamos a seleção dos trabalhos analisados; em resultados e discussão, apresentamos a análise dos trabalhos selecionados e discutimos os pontos pertinentes ao recorte desta comunicação; por fim, em considerações finais, encerramos destacando os principais pontos a serem considerados de acordo com o que foi apresentado.

METODOLOGIA

Há uma vasta e densa bibliografia sobre emoções que reflete a grande quantidade de questões que este assunto suscita. Por isso, realizamos um recorte na bibliografia com a qual entramos em contato. Tendo em vista o quadro teórico acima descrito, realizamos um levantamento bibliográfico através do qual selecionamos trabalhos que tratam da relação entre a) linguagem e cognição, b) linguagem e emoção, e c) Teoria da Mente e emoção, seja no cenário brasileiro ou internacional. A escolha dos trabalhos selecionados se deu com o intuito de destacar diferentes abordagens metodológicas e questões teóricas relevantes para as pesquisas que investigam esses temas. Para realizarmos a busca pelos trabalhos, utilizamos i) a ferramenta Google Acadêmico da plataforma Google, fazendo uso das palavras-chave “linguagem e emoção” e “Teoria da Mente e emoção”, e ii) o trabalho de Figueiredo (2018). O uso da ferramenta Google Acadêmico teve como objetivo mapear as palavras-chave citadas nos títulos dos artigos encontrados que tratam de b) e c). Por sua vez, a consulta à Figueiredo (2018) serviu como base para a seleção de trabalhos que tratam, sobretudo, de a).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Linguagem e cognição são objetos de pesquisa frequentemente relacionados teoricamente. De fato, é facilmente constatável que a linguagem encontra-se, em geral, implicada nos estudos sobre cognição e, da mesma forma, o contrário. Ambos os objetos fornecem caminhos importantes para a exploração e compreensão da vida e do pensamento

humanos. A depender da abordagem teórica, as perspectivas sobre essa relação variam em termos de seus principais aspectos. Porém, fato é que linguagem e cognição se conectam e indicam a existência de importantes interfaces da mente/cérebro humana/o.

Corrêa (2006) elenca os cinco principais tópicos a serem estudados que compõem a agenda de pesquisa em torno desses objetos: 1) a língua enquanto parte da cognição; 2) a produtividade da língua; 3) as influências da interação entre língua e mundo; 4) conhecimento linguístico e desenvolvimento de processos cognitivos; 5) especificidade dos processos e características do domínio cognitivo linguístico. Adotamos, da mesma forma que a autora, a abordagem da língua enquanto fenômeno cognitivo, de modo que esses cinco tópicos explicitam alguns pontos de contato dessa estreita interação entre linguagem e pensamento. Para o recorte que estamos propondo, nos interessa avançar nessa agenda de pesquisa investigando as possíveis relações entre língua/linguagem, cognição e atribuição de estados mentais, em particular, dos estados mentais emocionais.

Entendemos que linguagem e emoção interagem e também constituem um importante quadro de investigação que oferece instigantes possibilidades de estudo. Foolen (2016) estrutura quatro dessas possibilidades que são dispostas na tabela 1:

Tabela 1: As quatro possibilidades de interação entre linguagem e emoção, adaptado de Foolen (2016).

- | | |
|-------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Eventos estimulantes e alterações no estado cerebral; | 2. Alterações no estado cerebral e sentimentos, com ou sem uma resposta motora involuntária; |
| 3. Sentimentos detectados e interpretação simbólica imposta sobre eles; | 4. Sentimentos interpretados e comportamentos. |

A primeira possibilidade sugere que a cognição seria uma intermediária entre linguagem e emoção, isto é, a emoção seria conceptualizada na cognição e esta, por sua vez, seria refletida na linguagem. No sentido contrário, a segunda possibilidade indica que a emoção poderia ser expressa de maneira direta em um enunciado verbal. Enquanto terceira possibilidade, temos que o tipo de ligação entre linguagem e emoção ocorre com a primeira refletindo a conceptualização da segunda e a expressando. Por fim, a quarta possibilidade é exemplificada com o caso da surpresa, que é uma emoção dependente de crença e expressa

facilmente na linguagem. Um exemplo de contraste com esta emoção poderiam ser casos de raiva e medo que são expressos de modo não-verbal, mas conceptualizados na linguagem.

A conceptualização e a expressão das emoções através da interação com a linguagem são aspectos relevantes a serem observados na dinâmica de atribuição de estados mentais. Em relação ao aspecto da conceptualização e linguagem, Foolen (2016) mostra como se dá esse processo por meio de substantivos, verbos e preposições. Sobre os substantivos, os diversos estudos citados pelo autor apontam para a existência de questões como: i) a diferença entre as línguas no que diz respeito à interferência delas no campo emocional, ou seja, a língua parece influenciar em como as pessoas percebem e experienciam seus próprios sentimentos e os dos outros – o que alguns autores chamam de “perspectiva construtivista sobre emoção”; ii) a variação entre línguas no processo de referenciação, sendo um exemplo deste tópico um estudo citado pelo autor que aponta como em inglês a diferença entre emoções positivas e negativas é significativa, ao passo em que em polonês, é a distinção entre dentro-fora que se destaca; iii) o desenvolvimento da conceptualização das emoções pode ocorrer através do tempo.

Acerca das preposições, o autor apresenta um estudo comparativo entre o holandês e o hebraico sobre o uso dessas palavras relacionadas à emoção. Nessa pesquisa citada, aponta-se para a diferença entre as línguas acerca das estruturas que elas utilizam para expressar a relação entre as emoções e suas causas. Em holandês, as emoções são mais conceptualizadas com a preposição *met* – em português, “com” –, ou seja, como acompanhantes. O holandês ainda pode utilizar a preposição com sentido de fonte como é o caso de *van* – em português, “por”. No caso do hebraico, essa conceptualização é realizada com a preposição *em*, de modo a atribuir um sentido de container – em português, recipiente ou continente. As expressões a seguir exemplificam a comparação:

- (1) *Met blijdschap* (holandês) = “com alegria”
- (2) *Bleek van angst* (holandês) = “branco/pálido por medo”
- (3) *Trillen van woede* (holandês) = “tremor por raiva”
- (4) *Be-simxa* (hebraico) = “em alegria”

No caso dos verbos, coloca-se que aqueles que designam emoções possuem quatro papéis semânticos relacionados a sua estrutura: causa, experienciador, alvo e efeito. Segundo Foolen (2016), verbos são palavras que representam processos e que codificam facilmente aspectos temporais. Talvez por isso os verbos sejam tão interessantes para estudar emoções, pois é uma característica desses estados mentais o que o autor denomina de complexidade temporal, isto é, as emoções têm um começo, um meio e um fim (FOOLEN, 2016: p.16). Três questões relevantes acerca dos verbos são destacadas: 1) é possível prever quais sentimentos são conceptualizados por um determinado padrão linguístico? Por exemplo, há no português brasileiro tanto estruturas como “aquele animal me assusta” quanto “eu temo aquele animal”; 2) é possível dizer que a relação emocional é conceptualizada diferentemente a depender da posição ocupada pelos argumentos? É dado o seguinte exemplo: caso o experienciador esteja no lugar do sujeito de uma sentença, pode-se pensar que há algum controle dele sobre a emoção?; 3) por último, os diferentes modos de conceptualizar processos emocionais possuem um impacto na maneira como as emoções são experienciadas?

Cançado (1997) analisa os verbos denominados psicológicos no PB, classe de verbos associada à designação de estados emocionais, e apresenta algumas características relevantes para analisarmos sobre a conexão entre verbos e emoções. A princípio, no que concerne a propriedades semânticas e sintáticas, são atribuídas duas propriedades distintivas gerais para esses verbos: 1) o argumento ao qual é atribuído o papel temático de experienciador tanto pode ocupar a posição de sujeito quanto de objeto conforme a autora exemplifica em (5) e (6), sendo que não é tão fácil listar verbos que permitam essa alternância, fatos estes que se relacionam com as questões expostas anteriormente acerca de verbos e emoções; 2) é possível que a anáfora localizada no sujeito possa ser ligada ou possa tomar como antecedente o objeto desse verbo, principalmente para os verbos com o experienciador na posição de objeto, conforme é exemplificado no trabalho da autora em (7) e (8).

(5) Mário (exp) teme fantasmas (tema).

(6) Fantasmas (tema) assustam Mário (exp).

(7) Estórias sobre si mesma_i agradam muito Maria_i.

(8) Falatórios sobre si mesmo_i incomodam João_i.

A autora acaba por questionar a classificação usualmente feita para os verbos psicológicos em PB e propõe uma outra classificação para esses itens com base em uma análise semântica mais fina dos papéis temáticos. Não é possível detalhar essa análise aqui, porém, os pontos abordados sugerem que a codificação de estados emocionais em itens linguísticos como verbos pode variar em termos de descrição e análise. Todos os três itens lexicais citados – verbos, preposição e substantivos – apontam para a necessidade de desenvolvimento de mais pesquisas para detalhar essas variações e elucidar como se estabelecem as conexões entre linguagem e emoções, sobretudo com o PB.

Trabalho localizado no cenário de pesquisas de Teoria da Mente e emoções, de Freitas, O'Brien, Nelson e Marcovitch (2012) estudam a compreensão da gratidão e o desenvolvimento da ToM em crianças de cinco anos de idade. Em geral, aponta-se que é possível entender a gratidão relacionada a um contexto em que sempre há um beneficiário, um benefício e um benfeitor. Aspectos como a intenção de quem oferece o benefício e a recepção do beneficiário é um dos exemplos de variáveis a serem observadas em pesquisas sobre esta emoção. Os autores citam estudos que apontam para a hipótese de que sentir gratidão requer o desenvolvimento de uma Teoria da Mente.

Nesse trabalho, ao investigarem essa hipótese, as crianças foram testadas através da realização de uma série de experimentos relacionados à gratidão e à ToM de primeira e de segunda ordem – neste caso, tendo como referência, sobretudo, os experimentos com crença falsa. Como resultado, a hipótese testada sobre gratidão e ToM foi confirmada, pois foi observado que as crianças que tiveram melhor desempenho nas tarefas sobre ToM também tiveram melhor compreensão de gratidão. No entanto, não foi confirmada a hipótese de que o desenvolvimento de uma ToM é condição necessária para a compreensão da gratidão.

Anteriormente, Harris, Johnson, Hutton, Andrews e Cooke (1989) estudaram a compreensão de crianças de 3 a 7 anos sobre o impacto de crenças e desejos para a predição de emoções. Os três experimentos realizados abordaram a capacidade das crianças de predizerem respostas emocionais relacionadas às emoções básicas de alegria e tristeza. Os autores obtiveram como resultado que as crianças apresentam uma melhor compreensão dos estados mentais dos outros e de suas respostas emocionais conforme o avanço da idade. Isto sugere que as crianças predizem e explicam as emoções com base na Teoria da Mente, ou pelo menos assim o fazem em relação a desejos e crenças, dois estados mentais importantes para o desenvolvimento dessa habilidade.

Através de metodologia longitudinal, O'Brien *et al.* (2011) estudaram crianças entre os 3 e 4 anos para observar a possível relação entre a compreensão de emoções e o desenvolvimento da Teoria da Mente. Três hipóteses foram testadas com a aplicação dos experimentos: 1) a compreensão de emoções precede e contribui para o desenvolvimento da ToM em crianças na faixa etária mencionada; 2) a ToM precede e contribui para o desenvolvimento da compreensão de emoções nessas crianças; 3) o desenvolvimento da compreensão de emoções e da ToM em crianças de 3 e 4 anos ocorre de modo independente. As crianças recrutadas foram testadas em dois momentos entre o intervalo de tempo determinado – quando tinham 3 anos e depois quando já tinham 4 anos de idade.

Os experimentos de compreensão de emoção observaram três aspectos relacionados a essa capacidade: rotulação de emoções (*emotion labelling*), tomada de perspectiva afetiva (*affective perspective taking*) e compreensão de causas emocionais (*understanding emotional causes*). Para acessar aspectos do desenvolvimento da Teoria da Mente, foram aplicados experimentos de localização inesperada (*unexpected location*), conteúdo inesperados (*unexpected contents*), distinção entre aparência e realidade (*appearance-reality distinction*) e tomada de perspectiva conceptual (*conceptual perspective taking*). Também foi aplicado um teste para avaliar a habilidade linguística das crianças (*language assessment*).

O resultado principal de O'Brien *et al.* (2011) foi que a compreensão de emoção prediz mudanças no desempenho das crianças em tarefas de Teoria da Mente aos 3 e aos 4 anos, mas a ToM de crianças de 3 anos não prediz uma mudança na compreensão de emoções ao longo do período testado. Esses resultados ainda sugerem que crianças nessa faixa etária compreendem emoções primeiro que outros estados mentais, e crianças com uma compreensão de emoções mais sofisticada estão propensas a compreender mais prontamente crenças falsas. Os autores apontam que esses dados acompanham aqueles obtidos por outras pesquisas da área, reforçando que emoções parecem ser mais fáceis para as crianças do que estados como a crença falsa. O fato de que tanto as crianças de 3 quanto as de 4 anos tiveram um desempenho melhor, em geral, nos experimentos de compreensão de emoção do que nos de Teoria da Mente é apontado como mais um aspecto que corrobora a observação anterior. Por fim, destaca-se que o desempenho nos experimentos de compreensão de emoção e de ToM tenderam a ser mais consistentemente correlacionados aos 4 do que aos 3 anos, sugerindo a possibilidade de uma crescente integração entre essas habilidades. Futuras pesquisas com metodologia longitudinal, inclusive com diferentes línguas, podem agregar

mais dados para o debate sobre a relação entre o desenvolvimento da compreensão de emoções e da ToM.

Uma abordagem explorada nos estudos sobre Teoria da Mente e emoção é a investigação da relação do desenvolvimento da atribuição de estados emocionais e o desenvolvimento moral ou de habilidades sociais das crianças. Por exemplo, em Lane *et al.* (2010) também se utiliza uma metodologia longitudinal para investigar como a ToM e a compreensão de emoções podem prever o raciocínio e a tomada de decisão moral de crianças de 3 e 5 anos. O argumento é que a compreensão coordenada de estados mentais e emoções é necessária para que os indivíduos reflitam e avaliem suas ações e emoções em relação às suas vidas. Por isso, espera-se que o raciocínio das crianças pequenas sobre a vida mental e as emoções influencie o seu desenvolvimento moral. Uma hipótese plausível formulada é que o progressivo desenvolvimento da compreensão de emoções e da ToM oferece um suporte para o desenvolvimento da cognição moral.

Através da realização de experimentos com 128 crianças, que foram testadas primeiro com 3 e depois com 5 anos (intervalo de dois anos), foi avaliada a compreensão delas acerca de emoções básicas – alegria, tristeza, raiva e medo –, a capacidade de atribuição de crença falsa, o seu raciocínio moral e a sua tomada de decisão. Além disso, medidas de controle também foram aplicadas com o intuito de identificar as respostas que realmente estavam relacionadas a um raciocínio sobre moralidade.

Em resumo, os resultados obtidos apontaram que a maior compreensão de emoções e de outros estados mentais está relacionada a um aumento na consideração das crianças em relação às emoções e estados mentais dos outros. Isso quer dizer que conforme aumenta a compreensão das crianças sobre esses dois elementos, aumenta também a capacidade de raciocínio moral delas. Assim sendo, estudos com essa abordagem são importantes porque mostram como o desenvolvimento cognitivo em relação à atribuição de estados mentais pode influenciar outras habilidades nos seres humanos.

Por fim, a seleção desses trabalhos permite observar que há questionamentos importantes nas agendas de pesquisa entre linguagem e cognição, linguagem e emoção e Teoria da Mente e emoção. Com isso, é possível indicar que linguagem, ToM e emoção podem compor uma agenda de pesquisa própria. É importante que mais esforços sejam direcionados neste sentido e que pesquisas sejam feitas com o português brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que seja bastante plausível indagar acerca das possibilidades de interação entre linguagem e emoção. A atribuição de estados mentais emocionais, dentro do quadro da Teoria da Mente citado previamente, parece indicar que a depender da emoção que está sendo externalizada, talvez devido à estrutura linguística vinculada, pode haver implicações para a imputação de estados mentais. A questão da utilização de certas estruturas linguísticas ou de palavras para expressar emoções possui mesmo uma série de abordagens possíveis (JACKSON *et al.*, 2019). É fundamental que mais pesquisas se debrucem sobre tópicos como esses para que possamos responder as questões colocadas, incluindo pesquisas com o PB. Neste sentido, a comparação da atribuição dos diferentes estados mentais também é uma questão bastante instigante que precisa ser levada adiante. Esta contribuição ajudaria a avançar na agenda de pesquisa em torno da cognição social conforme apresentamos em Figueiredo (2018). Assim que dados mais diversificados forem agregados ao quadro teórico de atribuição de estados mentais, seja de primeira ou de segunda ordem, talvez seja possível delinear melhor inclusive as características do já tão explorado estado mental de crença.

REFERÊNCIAS

- ASTINGTON, J. W. The future of theory-of-mind research: understanding motivational states, the role of language, and real-world consequences. **Child Development**, v.72, p.685-687, 2001.
- CANÇADO, M. Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 4(1), p.89-114, 1996.
- CORRÊA, L. M. S. Língua e cognição: antes e depois da revolução cognitiva. In: PFEIFFER, C. C.; NUNES, J. H. (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem - linguagem, história e conhecimento**. São Paulo: Pontes Editores, 2006.
- DE VILLIERS, J. G. The interface of language and theory of mind. **Lingua**, v. 117 (11), p. 1.858 – 1.878, 2007
- FIGUEIREDO, T. T. Linguagem e Teoria da Mente de segunda ordem: investigando os estados mentais de ignorância e crença falsa. Dissertação de mestrado (mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas – Campinas, 2018.
- FOOLEN, A. A relevância da emoção para a linguagem e para a Linguística. In: CAVALCANTE, S. M. S.; MILITÃO, J. A. (orgs.). **Emoções: desafios para estudos da linguagem e cognição**. Belo Horizonte: PUC Minas (e-book), 2016.
- FREITAS, L. B. D. L.; O'BRIEN, M.; NELSON, J. A.; MARCOVITCH, S. A compreensão da gratidão e teoria da mente em crianças de 5 anos. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 25, n. 2 (jul./jun.), p. 330-338, 2012.
- JACKSON, J. C., *et al.* Emotion semantics show both cultural variation and universal structure. **Science**, v. 366(6472), p.1517-1522, 2019.

- HARRIS, P. L.; JOHNSON, C. N.; HUTTON, D.; ANDREWS, G.; COOKE, T. Young children's theory of mind and emotion. **Cognition & Emotion**, v. 3(4), p. 379-400, 1989.
- LANE, J. D., *et al.* Theory of mind and emotion understanding predict moral development in early childhood. **British Journal of Developmental Psychology**, v. 28(4), p. 871-889, 2010.
- MILLER, S. A. Children's understanding of second-order mental states. **Psychological Bulletin**, v. 135(5), p.749-773, 2009.
- O'BRIEN, M. *et al.* Longitudinal associations between children's understanding of emotions and theory of mind. **Cognition & emotion**, v. 25, n. 6, p. 1074-1086, 2011.
- PERNER, J.; WIMMER, H. 'John thinks that Mary thinks that...': attribution of second-order beliefs by 5-to 10-year-old children. **Journal of experimental child psychology**, v. 39, n. 3, p. 437-471, 1985.
- PREMACK, D.; WOODRUFF, G. Does the chimpanzee have a theory of mind. **Behavioural and Brain Science**, v. 1, p. 515-526, 1978.

